

21

A expressividade intercultural: um estudo sob a perspectiva da semiótica da cultura de *A filha da costureira japonesa*, de Kawakami

Sandra Mina Takakura
Universidade do Estado do Pará

Introdução

“A filha da costureira japonesa” (2020) é um relato autobiográfico de autoria de Kiyoko Kawakami publicado pela editora Casa do Escritor nas versões impressa e digital. Escrito em primeira pessoa, Kawakami mantém o seu nome Kiyoko no relato, o que pode implicar na confirmação do aspecto autobiográfico da obra.

Kawakami se transpõe à escrita como a personagem Kiyoko, que passa a contar a sua trajetória como filha de imigrantes japoneses. Ela retoma os acontecimentos que ocorreram antes de seu nascimento como a partida da família de sua mãe Maki do Japão ao Brasil. Eventos como o casamento de seus pais, a gravidez de sua mãe, e as aventuras de seu pai no Paraná e o seu posterior desaparecimento passam a forjar a identidade da autora. A fim de evitar que Maki assumisse a identidade de mãe solteira, Kiyoko é registrada como filha dos avós, os pais de Maki. Enquanto Maki se muda para a cidade para obter a formação profissional em costura, Kiyoko fica aos cuidados dos avós em uma região rural, no interior do estado de São Paulo.

Kiyoko narra a sua infância com os avós, a rotina na escola em Tupi, cidade localizada no interior do estado de São Paulo. Sua mãe Maki obtém a formação em costura e abre um ateliê de costuras na metrópole São Paulo. Kiyoko é levada para a capital do estado por Maki, que assume sua criação. Tais experiências

marcam profundamente a autora que se define em sua obra como a filha da costureira japonesa.

A narrativa de Kawakami é permeada pelo confronto entre a cultura do imigrante japonês e nipo-descendente e a identidade brasileira, resultando em diálogos interculturais expressivos. A autora possui a língua japonesa de herança, ou seja, a língua japonesa das comunidades formadas por japoneses e nipo-descendentes (MATSUBARA, 2020), assim como a língua portuguesa como língua materna. Observa-se no relato de Kawakami, a dificuldade enfrentada pelos imigrantes japoneses em relação aos usos da língua portuguesa, uma vez que muitos ao chegarem em solo brasileiro se debruçavam imediatamente ao trabalho em lavouras de café. Conseqüentemente, suas interações em língua portuguesa comumente ficavam restritas aos assuntos relativos ao trabalho ou à realização de tarefas diárias. Sendo nascida no Brasil, Kawakami possui outras experiências como a oportunidade de frequentar uma escola regular de ensino básico e modo a aprofundar o aprendizado na língua portuguesa e maximizar as oportunidades de interação na língua.

Na narrativa de Kawakami, observam-se vocábulos e expressões da língua japonesa que denotam relações peculiares da cultura japonesa herdada, na construção de sua identidade. A autora demonstra certo fascínio no uso de metáforas cotidianas e expressões cristalizadas como provérbios e dizeres em língua portuguesa devido à expressividade. Suas experiências, no entanto, passam pelo filtro de uma identidade fluida, por vezes atribuindo sentido próprio às palavras e ritos experienciados na sociedade. Os dizeres em língua japonesa de seus ancestrais são versados para a língua portuguesa evidenciando o papel intercultural de Kawakami enquanto descendente de imigrantes japoneses nascida no Brasil.

Este artigo tem como objetivo apresentar os resultados do estudo acerca da expressividade intercultural na obra de Kawakami presente no relato acerca das experiências vividas pela narradora/ enunciadora por meio do discurso direto ou indireto. Como base teórica, adotam-se a semiótica da cultura (LOTMAN, 1990; 1996) e a noção de autoficção, as quais auxiliam a aprofundar o entendimento acerca da expressividade da obra presente nos confrontos interculturais.

A metodologia utilizada no estudo foi dividida em duas etapas: 1) coleta manual de dados segundo os critérios estabelecidos a) os itens lexicais expressivos em língua japonesa, versados ou não para o português, e b) uso de provérbios em língua portuguesa, 2) Mapeamento dos embates interculturais e estudo da expressividade.

O estudo justifica-se uma vez que a BNCC (BRASIL, 2018) aponta a necessidade de o professor lidar com a pluralidade identitária dos alunos, oportunizando diálogos interculturais no espaço educacional. Observam-se no território nacional escolas trilíngues que adotam além da língua inglesa obrigatória no ensino médio, a língua japonesa como língua estrangeira, sendo amparada pelo 4º parágrafo do artigo 3 da LDB (Brasil, 2009). Tais escolas permitem aos nipo-descendentes e não descendentes se aprofundarem nas experiências quanto às línguas e culturas japonesa, brasileira e nipo-brasileiras, oportunizando diálogos interculturais.

1 Expressividade: gênero e estilo

A expressividade de Kawakami dá-se primariamente por meio da escolha do gênero, definido segundo Bakhtin (2016) como um enunciado que apresenta certa estabilidade. Seu estilo resulta da preferência pelo relato autobiográfico, das escolhas lexicais típicas desse gênero, que constituem o estilo coletivo como o intimismo, a escrita no tempo passado, a indicação da correspondência do nome do autor com o protagonista da história. O estilo individual de Kawakami, por outro lado, é observado em suas escolhas e combinações lexicais pautadas em suas experiências pessoais, em enunciados com marcas temporais e geográficas e nos diálogos estabelecidos entre as culturas brasileira e japonesa.

A preferência por um gênero também pode estar atrelada à escolha em trabalhar um determinado tema e, conseqüentemente no uso expressivo de certas palavras. Tal aspecto é explicado por Bakhtin (2016, p. 62) como: “Os gêneros correspondem a situações típicas da comunicação discursiva, a temas típicos, por conseguinte, a alguns contatos típicos dos *significados* das palavras com a realidade concreta em circunstâncias típicas.” O relato autobiográfico permite à autora fazer escolhas expressivas, para comunicar suas experiências pessoais vividas na realidade.

A autobiografia enquanto gênero foi estudada por Lejeune (2008; 1982) que contrasta a autobiografia ao romance autobiográfico. Lejeune (1982) aponta quatro categorias, que permitem mapear a estrutura do gênero autobiografia:

1. a forma linguística: a) narrativa, b) prosa
2. Assunto tratado: vida de uma personalidade (conhecida)
3. Situação do autor: autor (cujo nome designa uma pessoa real) e narrador são idênticos
4. Posição do narrador: a) o narrador e o protagonista são idênticos, b) a narração é orientada retrospectivamente. (adaptado de LEJEUNE, 1982, p. 193)

Para o teórico, o gênero autobiografia preenche todas as quatro categorias, ao passo que memória não atende a todos os itens como o 2, uma vez que o sujeito que relata sua história pode ser uma pessoa comum desconhecida do público. A obra de Kawakami nesse aspecto também não atende ao item 2, no entanto, sua escrita soma-se aos muitos relatos de pessoas comuns que ousam dar vozes as experiências pessoais para o público, e constituem uma população brasileira plural, heterogênea e diversa. Para Lejeune, sua teoria vem ao encontro do leitor contemporâneo de memórias, ou escritas intimistas cujo olhar identifica a figura autoral na obra. Dessa maneira, a teoria de Lejeune parte da recepção do leitor que se confronta com tensões entre o aspecto autobiográfico, que confere certa legitimidade aos fatos narrados e o aspecto ficcional, que confere criatividade à textualidade da obra.

Kawakami manifesta-se por meio de sua escrita fortemente embebida em suas experiências de vida, sendo, portanto, inegável a presença da instância autoral na obra. A identidade do imigrante e do descendente de japoneses em particular caracteriza-se pelo hibridismo cultural resultante de embates interculturais e negociações contínuas entre duas ou mais culturas, a cultura herdada e a(s) cultura(s) do país de acolhimento. No entanto, em certas situações, ainda que contingencialmente, o indivíduo considerado fluido e híbrido necessita se autodefinir. Na memória, Kiyoko se define como nipo-brasileira, perante a sociedade brasileira. No entanto, no episódio no qual viaja com os filhos para a Grécia, uma vez sendo recepcionada como uma turista japonesa assume a identidade brasileira ao replicar: “pensaram que éramos japoneses”. A presença do humor na obra resulta da veia criativa da autora em relatar fatos inusitados resultantes dos embates culturais.

O processo de leitura de uma obra autobiográfica é iniciado segundo Lejeune (2008) por meio do estabelecimento do pacto autobiográfico, ou seja, um contrato estabelecido entre o autor e o leitor no momento da leitura. Por meio deste, confirma-se a relação de correspondência estabelecida entre o narrador, o personagem principal, e o nome do autor expresso na capa do livro. Tal visão permite a adoção de uma tipologia pautada nas distintas formas de escritas do eu como a autobiografia e a memória.

Para Allamand (2018, p. 52), Lejeune versa “como a identidade do autor pode ser comunicada aos leitores e como elas são recepcionadas pelos leitores em narrativas autorreferenciais”. Dessa maneira, o processo de leitura se desenrola à medida que o leitor apreende as marcas autorreferenciais deixadas na escrita autobiográfica. Tal processo realizado por meio de estratégias de mapeamento de referências autorais passa a ser central na aplicação da teoria de Lejeune (1980; 2008) em estudos de escritas do eu.

Para esse estudo, a tipologia acerca da autobiografia e o pacto autobiográfico de Lejeune são centrais para se escrutinar a escrita fluida de Kawakami, que ao se transpor ao livro como Kiyō, reconta sua história deixando pistas autorreferenciais para serem desvendadas pelo leitor. Segundo a classificação de Lejeune (1980, 2008), a obra de Kawakami pode ser considerada uma *memória*, de autoria de uma pessoa comum, escrita em prosa com o tipo textual predominantemente narrativo, com perspectiva de retrospectão, sendo centrado no tema da vida individual. O processo de leitura do autor, no entanto, inicia com o estabelecimento da correspondência entre a narradora, a protagonista e o nome referido na capa da obra. As pistas autorreferenciais, no entanto, são carregadas de subjetividade, pois a autora conta a partir da perspectiva e seu olhar acerca da realidade e das experiências. Destaca-se dessa maneira, o aspecto ficcional da obra de Kawakami.

A noção de Colonna (2004) de autoficção biográfica possibilita o escrutínio da tensão entre os aspectos autobiográficos e ficcionais na escrita da autora. A partir da noção particular de autofabulação, enquanto escrita de si, Colonna (2004, p. 93) esclarece que o autor é o “herói” de sua história, sendo visto como aquele que “fabrica sua existência a partir de dados reais”, que pretensamente alega sinceridade, em uma tentativa de manter a credibilidade dos fatos, distanciando-se de eventos fantásticos. No entanto, quando ficcionaliza sua vida, o autor pode-se valer de recursos para recontar sua versão

dos fatos, dessa forma, “modela sua imagem literária, esculpe-a com uma liberdade que intima a literatura”, liberando sua subjetividade (COLONNA, 2004, p.94).

Na obra, Kawakami adentra como Kiyō, a menina que vive suas agruras, derrotas e vitórias, e reconta por meio de seu olhar sincero, suas experiências em lidar simultaneamente com as diferenças identitárias na sociedade brasileira à medida que se constrói como indivíduo e sujeito. Em sua escrita, Kawakami também expressa um desejo de pertencimento ao local, maravilhando-se com suas descobertas e experiências linguísticas e culturais. O seu recontar é também permeado pelo humor criativo em relatar os embates culturais.

A noção de autoficção, sendo fluida, transita entre os polos da autobiografia e da ficção. Sob a visão de que “A filha da costureira japonesa” se aproxima da autobiografia, sua escrita pode ser considerada uma memória, segundo a tipologia de Lejeune (1980; 1982; 2008). Observa-se o tipo textual predominante sendo narrativo, que se configura como um relato, que segundo Dolz e Schneuwly (2004) se realiza no domínio da memória e da documentação das ações humanas. Sob o olhar de que a escrita de Kawakami se aproxima da ficção, o livro pode ser considerado uma autoficção autobiográfica de acordo com os estudos de Colonna (2004). A autora se transpõe ao texto assumindo o papel de heroína da narrativa, mantendo o nome no universo ficcionalizado.

2 Acerca da linguagem da memória em Kawakami

A memória de Kawakami está estruturada em 80 capítulos ou episódios, vividos pela autora, sendo permeada por usos metafóricos de linguagem. Cada capítulo pode ser lido separadamente, o que permite ao professor trabalhá-los isoladamente. As discussões acerca das metáforas no contexto da obra foram pautadas no estudo acerca da dupla codificação do texto (LOTMAN, 1990; 1996); a interculturalidade (DIETZ, 2021) e as linguagens arbitrária e representacional (LOTMAN, 1990; 1978).

Para Lotman, a primeira codificação ocorre na linguagem natural, visto como a relação da língua na cultura, exemplificados por meio dos sistemas da língua portuguesa e japonesa ao passo que a segunda codificação se faz na linguagem expressa na literatura, por meio de sistemas comunicativos como as

metáforas observadas nos dizeres e provérbios que fogem da simples interpretação natural da primeira codificação da linguagem enquanto sistema. As interações cotidianas demonstram que as palavras são carregadas de significados que variam do sentido mais prototípico comumente associado a ela (VILLARD, 1993) aos sentidos contextuais, que atestam a riqueza expressiva de uma língua.

No aspecto formal, a segunda codificação também pode ser vislumbrada nas lexias textuais, definida por Pottier (1974) como um agrupamento de palavras que resulta de um processo de lexicalização podendo ser “um enunciado ou de um texto” como “hino nacional, reza, adivinhação, provérbio...” cujo sentido é manifesto pelo todo (POTTIER, 1974, p.326).⁹¹

O uso da linguagem no contexto da imigração japonesa retratada por Kiyó está relacionado às experiências particularizadas das interações cotidianas em língua portuguesa nas lavouras de café e nas atividades do cotidiano. As primeiras experiências em termos de linguagem de Kiyó são realizadas em língua japonesa juntamente com os avós no interior do estado de São Paulo, na zona rural. Uma vez que Kiyó passa a frequentar a escola em Tupi, suas interações em língua portuguesa passam a ser mais frequentes, auxiliando-a na construção de seu repertório de palavras.

As lexias textuais - termos, expressões e provérbios incorporados na língua portuguesa - frequentemente são interpretados de maneira automatizada pelos falantes da língua. No entanto, no contexto da memória, nota-se que Kiyó necessita construir o repertório de palavras para que as interações ocorram de maneira fluida. A dificuldade em compreender a lexias textuais que poderiam representar uma barreira na comunicação para Kiyó é vista como uma oportunidade de descoberta da riqueza da língua portuguesa.

Uma vez que a obra de Kawakami explora o embate entre culturas visto sob o prisma da imigração japonesa ao Brasil, o fenômeno da interculturalidade explicado por Dietz (2021, p.1) pode auxiliar aprofundar sua compreensão:

⁹¹ As lexias podem ser simples, compostas, complexa ou textual, de acordo com Pottier (1974). A lexia simples pode ser compreendida como o sentido mais básico como a palavra. A lexia composta pode ser compreendida como “o resultado de uma integração semântica que se manifesta formalmente” (POTTIER, 1974, p.325). Um conjunto de palavras pode ainda passar por processos de lexicalização, sendo, neste caso, considerado como lexia complexa. No momento em que o agrupamento de palavras atinge a lexicalização completa, passa a ser vista como lexia textual, podendo variar entre a forma “de um enunciado ou de um texto” como “hino nacional, reza, adivinhação, provérbio...” (POTTIER, 1974, p.326).

Enquanto o termo foi originalmente cunhado para se referir ao conceito reificado e estático de cultura como a soma das relações entre culturas, a "interculturalidade" como é usado correntemente é um termo mais complexo que se refere às relações que existem na sociedade entre as diversas constelações de maiorias e minorias que são definidas em termos não apenas de cultura, mas também de etnia, linguagem, denominação religiosa e/ ou nacionalidade. Portanto, o referente empírico de cada uma dessas constelações é altamente contextual: em algumas sociedades, interculturalidade é usado com a referência à diversidade induzida pela migração, enquanto em outras sociedades a mesma noção é aplicada às interações estabelecidas entre nativos e colonos.

O processo de leitura na obra de Kawakami, portanto, envolve um engajamento intercultural, o ir e vir entre duas culturas. O mapeamento do fenômeno da interculturalidade na obra é pautado segundo a noção de linguagem binária de Lotman (1978; 1990) que parte da noção de linguagem arbitrária e linguagem pictórica ou representacional. Na linguagem arbitrária tem-se a linguagem verbal como o exemplo mais comum, ao passo que na linguagem pictórica ou representacional, têm-se as imagens, os ícones, e as mídias. Contudo, a linguagem verbal também apresenta aspectos pictóricos e representacionais nas suas realizações como em ritos e costumes. Tal complexidade se manifesta no episódio acerca do batismo, no qual, Kiyō é informada pela sua mãe que receberia um nome em língua portuguesa, passando a se chamar Fátima. Kiyō interpreta o rito do batismo católico sob a sua própria ótica subjetiva e infantil. O entendimento do batismo para Kiyō significa vestir um vestido branco belíssimo para receber um nome em português. Com o nome de Fátima, Kiyō passa a experienciar sua vida no ambiente escolar.

Kiyō rememora os hábitos alimentares do caipira paulista incorporados pelos imigrantes japoneses na região rural. Sua avó prepara mingau de milho saboroso, seus tios abatem o porco para curar a carne na própria gordura do animal em uma época na qual ainda não havia geladeiras para se conservarem os alimentos. Tal relato ressalta como a cultura do caipira paulista penetra nos costumes da família Kawakami, fazendo parte de seus ritos alimentares. Trata-se de uma expansão da experiência multissemiótica apreendida pelos cinco sentidos (visão, audição, tato, olfato e paladar), sendo retratada em uma narrativa pessoal.

No ambiente urbano da capital paulistana, Kiyō trabalha e recepciona as clientes no ateliê de sua mãe e experimenta um bolo com frutas pela primeira

vez. Esse rito alimentar passa a marcar a experiência de Natal na família de Kiyō. Os ritos alimentares envolvem experiências semióticas complexas uma vez que mesclam, sabores, aromas, texturas que se combinam com palavras e representações simbólicas de valores e culturas incorporadas pelo povo paulista.

A maneira como Kiyō compreende o sentido das palavras por meio das experiências semióticas em terras paulistas resulta do diálogo e da negociação entre as diferentes culturas. Kiyō e sua família demonstram a vontade e a necessidade de pertencer à nação que as acolheu, fato demonstrado na adoção do modo de vida do caipira, na participação de rituais religiosos, no recebimento de um nome em língua portuguesa.

O ritual de batismo representa para a família Kawakami, o nascimento simbólico de Kiyō para a vida plena na sociedade brasileira. A cultura e o alimento emaranham-se em experiências multissemióticas que auxiliam Kiyō e sua família a compreender a sociedade brasileira, e a participar efetivamente na construção da nação. Os embates entre culturas experienciados por Kiyō envolvem o uso complexo da linguagem em ritos culturais que passam a marcar suas experiências temporalmente.

3 As experiências semióticas e a expressividade das palavras em língua japonesa

A narrativa de Kawakami enquanto filha de imigrantes japoneses carrega as experiências do cotidiano e o confronto entre a cultura do imigrante japonês e a cultura brasileira no país de acolhimento. A autora, em seu relato, transpõe suas *percepções* em texto acerca das experiências de sucessos e fracassos.

O livro de Kawakami está dividido em 80 capítulos, sendo que cada capítulo reconta um episódio de sua vida. No capítulo inicial intitulado: “Esta é a minha história”, a autora se apresenta ao leitor: “Meu nome é Kiyō Kawakami.” (KAWAKAMI, 2020)⁹². Nesse momento, é realizado um pacto autobiográfico entre o autor e o leitor de maneira “implícita”, segundo Lejeune (1982, p.203), de modo que o personagem e o narrador estabelecem relação de correspondência com o nome descrito na capa do livro. Ao longo da narrativa

⁹² A versão digital do livro “A filha da costureira japonesa” serviu de base para este estudo.

de maneira “explícita” (LEJEUNE, 2008, p. 203), Kiyō revela ser a filha da costureira japonesa, estabelecendo relação entre o protagonista, narrador com o nome impresso na capa do livro. A partir desse momento, o leitor irá realizar sua leitura seguindo os vestígios autorreferenciais e autorrepresentacionais deixados na escrita pela autora.

A autora apresenta-se como descendente de imigrantes japoneses, revelando a cultura japonesa em lidar com os números, assim como fazer menção ao horóscopo chinês para falar sobre si. “Sou filha de imigrantes japoneses. Nasci na cidade de Promissão, estado de São Paulo no dia 30 de setembro de 1948, ano bissexto do século XX no signo do rato do horóscopo chinês.”

Segundo Lotman (1990, p. 123) para que haja comunicação é necessário que o indivíduo possua uma “experiência de comunicação, sendo familiar à semiose”. Toda comunicação ocorre na semiosfera, ou espaço semiótico, constituída em analogia à biosfera, na qual existem e funcionam todas as linguagens. A apresentação de Kiyō acerca de si revela sua intensa experiência semiótica pautada na cultura japonesa.

A linguagem sendo constituída por um material referencial e outro pictórico (icônico, representacional) são heterogêneas e assimétricas, permitindo mudanças ao longo do tempo. À medida que a representação pictórica passa por modificações, como por exemplo com a chegada do imigrante japonês e o estabelecimento no país de seus descendentes, a linguagem referencial passa a sofrer mudanças com a inserção de novas palavras e novas formas de manifestações culturais, por meio de oposições e diferenciações no material pictórico e referencial, resultante de um processo de negociação contínua, que ocorre em espaços compartilhados pelos indivíduos, onde há o surgimento de novas formas de comunicação e expressão. Com os fluxos migratórios ocorridos no globo é possível afirmar que as negociações e tensões culturais são intensificadas na semiosfera resultando em variados embates interculturais.

Na memória, Kiyō refere-se ao seu avô como *diitiam* e à sua avó como *baatiam*, explicadas em notas de rodapé como avô e avó respectivamente. A cultura de herança japonesa de Kiyō não permite que ela se dirija aos genitores japoneses de sua mãe com termos em língua portuguesa. Outro aspecto inclui a negociação intercultural que ocorre nas relações afetivas estabelecidas por

sua mãe e sua tia. Sua mãe Maki casa-se com seu pai por *omiaï kekkon*, casamento arranjado tradicional, no qual o pretendente é escolhido pelos genitores. A tia Sumire, no entanto, passa a ser a primeira da família a se casar por amor, ou *ren'ai kekkon*, ou casamento motivado pelo amor romântico.

O pai de Kiyô insatisfeito com o casamento se aventura no estado do Paraná, de onde nunca mais retorna. As histórias de imigrações ao redor do globo são envoltas em problemáticas familiares resolvidas internamente dentro da própria comunidade. Os pais de Maki registram a neta Kiyô como sua filha para que Maki não fosse considerada mãe solteira. Maki passa a estudar e se torna uma costureira profissional, passando a ser a fortaleza da família em momentos de dificuldade financeira e emocional.

A Kiyô relata a experiência de ser criada pela baatiam (avozinha japonesa): “Eu morei no sítio com a baatiam, ela foi minha outra mãe. Fui criada por ela até os sete anos de idade. Ela me contava histórias do *momotarô*, *kaguya-hime*, *Benkei* e *Yoshitsune*.” (KAWAKAMI, 2020).

A narrativa de *momotarô* centra-se na lenda do menino nascido de um pêsego que se torna um grande guerreiro. A lenda de *kaguya-hime* relata a narrativa da princesa da lua que nasce para a alegria de um casal de idosos sem filhos. Também, a história de *Benkei* e *Yoshitsune* centra-se na lenda japonesa que deu origem às várias peças do teatro Noh e Kabuki sobre um guerreiro gigante e sua coragem e lealdade ao samurai mestre (SETO, 2019).

O contato com a sua avó em sua tenra idade permitiu que Kiyô construísse uma experiência semiótica e adentrasse na cultura japonesa de herança, sendo exposta a valores como a lealdade, o respeito e a autonomia em seguir o caminho escolhido em *momotarô* e *Benkei* e *Yoshitsune*, e o respeito e a gratidão aos pais de criação em *Kaguya-hime*.

A presença do avô na vida de Kiyô é essencial, pois por meio de seus ensinamentos, ela forma as bases pelas quais lida com as dificuldades em sua vida. Após casar-se com Jorge, Kiyô enfrenta o temperamento do marido que se agrava com os problemas financeiros. Kiyô, então, lembra das palavras de seu avô para lidar com a situação:

Culpei a nossa empresa e responsabilizei os sócios pela mudança de temperamento do marido. Eu estava errada. Diitiam sempre disse:

– Quando acontecem coisas erradas na vida ou no trabalho, não se culpa o próximo. Nós somos os únicos responsáveis e, se olharmos para trás e analisarmos minuciosamente tudo que fizemos, com certeza vamos encontrar um deslize cometido por nós mesmos (KAWAKAMI, 2020).

Kiyo realiza a autorreflexão para lidar com as dificuldades que aparecem em sua vida. Ela se pauta na resignação enquanto saída para lidar com conflitos. Nos dizeres do diitiam relatados por Kiyo estão a combinação dos itens lexicais “não se culpa o próximo”. Kiyo traduz o discurso em língua japonesa proferido pelo diitiam para um discurso indireto em língua portuguesa. Nesse contexto, Kiyo faz uso do termo “próximo” carregado de valores cristãos e que se refere ao “outro” que não sou “eu”. Não há evidências no livro que esclareçam que o diitiam fosse cristão ou católico, mas, há a vontade expressa de Kiyo em comunicar o discurso do diitiam segundo sua interpretação. Dessa forma, é possível identificar na obra vestígios de autorreferenciação e autorrepresentação de Kawakami. Consequentemente, é possível afirmar que por meio de sua escrita, Kawakami permite ao leitor estabelecer pontes com suas experiências enquanto filha de imigrantes japoneses e o leitor.

Abba (2015) assinala que a comunicação intercultural resulta do diálogo entre dois sujeitos de distintas culturas. Na memória, temos Kiyo, a descendente de imigrantes japoneses com esse duplo papel em representar duas culturas passando a ser ela própria um espaço de negociação. O fenômeno da imigração japonesa inclui o estabelecimento de pontes entre a cultura dos recém-chegados e a cultura nacional, do país de acolhimento. O descendente de imigrantes japoneses, à medida que se estabelece no país, passa a adotar a linguagem local e a produzir discursos hibridizantes em relação a valores e culturas dos dois países, como vistos na escrita de Kawakami.

Outro aspecto presente na obra é justamente a passagem da cultura de geração em geração. No momento em que Kiyo casa-se e concebe os filhos Katsuji e Tetsuji, sua mãe Maki passa a se fazer mais presente em sua vida, assumindo o papel de baatiam (avó em língua japonesa) de seus filhos, tornando-se agregadora das experiências semióticas em sua casa: “Ela cobria os netos com carinho e ao mesmo tempo exigia regras e princípios. As regras eram: ‘hora de comer coma com gratidão sem desperdiçar comida, hora de estudar concentre somente nos estudos e hora de brincar brinque quanto puder”” (KAWAKAMI, 2020). Kawakami mantém as palavras de sua mãe Maki

intactas entre aspas e as reproduz em sua memória, assumindo o papel de enunciativa que ecoa o discurso materno.

Tais valores repassados de geração em geração da família Kawakami resultam das experiências vividas pelos antepassados no Japão, aliados às experiências da imigração, no Brasil. Dessa maneira, os netos também passam a compreender a cultura e a língua japonesa herdadas.

A culinária japonesa também marca ritos na vida da família Kawakami. No aniversário de 88 anos de *diitiam*, a família de Kiyō prepara uma grande festa, no interior do estado de São Paulo onde ele passara a viver. Em datas festivas, o rito do *motitsuki*, de preparar o arroz glutinoso em um pilão para formar uma massa, estava sempre presente, segundo Kiyō:

Desde o passado, para comemorar uma data especial, era comum as famílias se reunirem para fazer o *motitsuki*. Depois de cozinharem o arroz especial que é o *motigome*, minha mãe, *diitiam* e o tio Hatsuo revezavam no trabalho de socar (chamado de “*tsuki*”) o *moti* dentro do pilão de madeira. Tirei algumas fotos deles socando *moti*. Aquilo dava um ar de festejo. Achei ótimo. Eu tinha interesse em tudo que era tradição (KAWAKAMI, 2020).

A tradição do rito de preparar o *moti* repete-se a cada data comemorativa da família Kawakami. O alimento *moti* simboliza a força e perseverança do imigrante japonês em terras brasileiras. A memória de Kawakami ganha um momento de tensão na comemoração do aniversário do *diitiam*, pois se mesclam aos relatos da condição graves de saúde da *baatiam*, que sofrera anos antes um acidente vascular cerebral, e, que, portanto, acompanhava a festividade de sua cama. Ao virar a noite, Kiyō e seus familiares acompanham a senhora idosa: “A *baatiam* estava de cama, muito mal, mas consciente, e serena, mostrando no rosto um leve sorriso, ouvindo o som das vozes, dos risos, das cantorias e dos aplausos que vinham do galpão. A festa terminou e passamos a noite ao seu lado. Na manhã seguinte, *baatiam* veio a falecer” (KAWAKAMI, 2020, grifos da autora).

A festa e a celebração misturam-se ao funeral de *baatiam*. Após o falecimento dela, o *diitiam* passa a morar na casa de Kiyō, na metrópole. Muda-se o cenário, e as gerações passam a se aproximar na família Kawakami. *Diitiam* passa a assumir o papel de bisavô de Katsuji e Tetsuji, filhos de Kiyō. Em sua memória, Kawakami relata o momento mais apreciado pelo *diitiam*, o de compartilhar as refeições com os [bis]netos: “*Diitiam* esperava os netos para

tomar missoshiru [sopa de pasta de soja] com gohan [arroz japonês]. Era o momento de alegria deles. Foi por um curto período, mas valeu. Um ano depois, *diitiam* faleceu" (KAWAKAMI, 2020, grifos da autora).

Com a morte de *diitiam*, a vida de Kiyō ganha novos episódios com seus filhos e seu marido, novas experiências multissemióticas passam a amadurecer a jovem Kiyō.

4 As experiências semióticas e a expressividade das palavras em língua portuguesa

A experiência semiótica mais sensível relatada por Kawakami em sua memória é a dificuldade com a língua portuguesa como parte das experiências da família Kawakami. Kiyō inicia seus estudos em uma escola, situada na cidade de Tupi, e, logo apresenta dificuldades nas aulas de língua portuguesa. Com vergonha de revelar à mãe o porquê de não querer mais frequentar a escola, Kiyō é punida pela sua mãe. Após muita insistência da mãe, finalmente, Kiyō revela a dificuldade em compreender a língua portuguesa na escola. Sua mãe, por sua vez, efetua a matrícula da filha em aulas de reforço. A esse respeito Kiyō narra: "Tive algumas aulas de reforço de português, no entanto, apesar delas, continuei tendo dificuldades. A professora fez um ditado e quando ela disse vírgula eu escrevi 'vírgula'... passei vergonha!" (KAWAKAMI, 2020).

Tal episódio demonstra a falta de experiência prévia de comunicação de Kiyō em aulas de língua portuguesa. O "erro" de Kiyō baseia-se justamente no aspecto binário do signo enquanto signo referencial e signo pictórico, observado no sentido referencial da palavra vírgula e sua representação como um sinal.

Como o processo de aprendizado envolve erros e acertos, Kiyō experimenta o sentido referencial ao escrever a palavra "virgula" no texto. Ao perceber que se trata da representação do sinal vírgula, Kiyō corrige o erro. Com esse aprendizado, Kiyō passa a acumular experiências semióticas em sala de aula, na disciplina língua portuguesa, conseguindo lidar com situações comunicativas similares.

Anos mais tarde, Kiyō viveria uma experiência similar àquela vivida pela sua mãe. Seu filho mais velho Katsuji apresentou dificuldades na aula de língua portuguesa: "Todos os dias, Katsuji chorava não querendo entrar na escola,

porque não entendia português. A choradeira me fazia lembrar da minha infância e o motivo do choro era o mesmo” (KAWAKAMI 2020).

Porém desta vez, seu filho se sentiria incluído ao conhecer uma nova colega que também apresentava dificuldades com a língua portuguesa, e, que dominava somente a língua alemã. Kawakami relata que a comunicação entre as duas crianças ocorria, ainda que a menina falasse em alemão e ele em japonês.

Em outra ocasião, os dois filhos de Kiyo, Katsuji e Tetsuji precisam fazer a matrícula em um curso de informática. Ao final da aula os filhos vão ao encontro da mãe que os espera no carro. Eles indagam à mãe acerca do vocabulário em língua portuguesa visto no formulário de inscrição do curso:

Terminou a aula e os dois voltaram para o carro onde eu os aguardava.
Tetsuji perguntou:
- Mãe, o que é estado civil?
Eu respondi:
- Se é casado ou solteiro.
Tetsuji:
- Xii...respondi São Paulo, pensei que era o estado onde moro.
Mais pergunta: - e a cor?
Eu: - a sua cor.
Então ele coçou a cabeça:
- Tinha branco, preto e amarelo e marquei no preto, porque era minha cor preferida.
Katsuji completou: - eu também marquei no preto, porque não tinha azul...
Caí na gargalhada, me contorci de rir, chegando a ter dores de barriga...
(KAWAKAMI, 2020).

Kiyo responde às dúvidas dos filhos de maneira descontraída e bem-humorada. O episódio demonstra como ela e os filhos lidam com situações nas quais se deparam com vocabulários em língua portuguesa desconhecidos. Tal problemática se encaixa em um contexto maior, o do letramento e da prática de uso de linguagem escrita em situações efetivas de interação.

De acordo com Taylor, Blum e Logsdon (1986) nos deparamos com a escrita impressa (*print*) ainda no período pré-escola. Na escola devemos nos deparar com um ambiente propício ao desenvolvimento da consciência da linguagem escrita (TAYLOR; BLUM; LOGSDON, 1986), desenvolvendo por meio da interação o conhecimento da escrita e da leitura. A partir da alfabetização e do letramento ocorrido no ambiente escolar, os alunos passam a lidar com os gêneros, dos mais simples ao mais complexo. Porém, várias situações oportunizam novos letramentos observados nos ritos institucionais, que necessariamente incluem a formalização escrita de um processo.

Os filhos de Kiyo passam por este ritual no qual necessitam preencher formulários de inscrição para poderem se matricular em um curso de informática. Dessa forma, eles passam por um processo de letramento do gênero formulário. Segundo Bakhtin (2016) no contexto dos gêneros, podem ocorrer “expressões típicas, que parecem sobrepor -se às palavras” como observados no grupamento de palavras “estado civil” que exige uma resposta fechada entre um conjunto de opções determinadas como solteiro, casado, viúvo, divorciado, ou no uso não prototípico da palavra “cor” que contextualmente indica “raça” ou etnia.

Ao se depararem com um problema, Katsuji e Tetsuji tentam suprir a falta de uso de linguagem do domínio institucional com o sentido das palavras de seu cotidiano. O erro é parte constitutiva do aprendizado de uma forma geral. No contexto da memória, Kiyo assume o papel de mediadora do processo de aprendizado, fazendo a correção de maneira direta e clara. A relação de proximidade construída entre mãe e filhos permite que a correção dos erros eventuais de Katsuji e Tetsuji quanto ao uso de língua envolva o lúdico e a curiosidade. Dessa forma, os meninos permitem-se errar e se corrigirem, adquirindo o conhecimento prático de uso de língua, no contexto do gênero formulário.

As dificuldades aparecem como etapas de aprendizado a serem superadas no relato dessa experiência. Anos mais tarde, Tetsuji gradua-se em Geofísica pela USP e Katsuji em Farmácia pela UNESP de Araraquara. Tal fato demonstra a necessidade de se evidenciar o percurso educacional e profissional do sujeito em seu todo ao invés do foco sobretudo na dificuldade de usos de linguagens em determinados contextos ou a falta de letramento em determinados gêneros, fatos que podem ser superados ao longo do percurso de vida de cada estudante.

Kawakami (2020) faz uso de lexias textuais em seu relato, agregando expressividade à narrativa. Ela revela as marcas das experiências vividas e compartilhadas no processo de construção histórica e cultural do país. Ao ser oferecida uma chance de trabalhar com o profissional de moda Clodovil, a jovem Kiyo que havia se formado em um curso de desenho, reflete por um período para poder decidir. Contudo, as oportunidades não esperam e ela acaba perdendo essa chance de se aprofundar em sua carreira: “Como diz o

ditado 'quem dorme não pega peixe', eu demorei em procurá-lo e perdi a vaga" (KAWAKAMI, 2020).

A lexia textual "quem dorme não pega peixe" é usada para explicar a perda da grande oportunidade em trilhar uma carreira profissional no ramo da moda no país, além de expressar o vislumbre pelo uso da língua portuguesa pela autora. A perda dessa oportunidade abre um novo caminho que é o ateliê de costura juntamente com sua mãe Maki, no qual atua até o nascimento de seu primeiro filho.

Kiyo reinventa dizeres como o "fio da meada" para descrever o rumo que sua vida tomara. A vontade de reencontrar os amigos de infância se esvai com o tempo e com as mudanças em sua vida: "Até alguns anos atrás, eu tinha enorme vontade de reencontrá-la, porém foi ficando difícil de achar o fio da meada que se enroscou em alguma coisa e talvez tenha se arrebitado" (KAWAKAMI, 2020).

É como se esse fio representasse o percurso de sua vida, de experiências intensas, de encontros com indivíduos de várias culturas, e de desencontros com seus amigos e possíveis reencontros. Kiyo por fim encerra o seu relato:

Estou aqui revelando os fatos que vivi, que senti, que ouvi e presenciei, porém tudo isso, é do meu ponto de vista. Não quero saber quem estava certo ou quem estava errado. Cada um tem suas razões, versões e visões.
Sou uma mulher vivida, já passei por muitas situações que enfrentei aos trancos e barrancos e sei que ainda terei surpresas que o destino reservou para mim.
Idade vejo como números que vou contar mais e mais, e continuarei escrevendo.
E tudo expressarei na minha história... (KAWAKAMI, 2020)

Sua escrita expressa sua subjetividade e sua versão dos fatos dos fatos vividos e experienciados como a filha da costureira japonesa que crescera e escrevera acerca de sua própria vida. Como uma heroína, Kiyo passa a dominar dois mundos, duas culturas, duas linguagens, tornando-se esse ser fluido, híbrido e intercultural. Em sua história há arrependimentos e decepções, mas há também a vontade de continuar a trilhar sua vida em busca de novos aprendizados e conquistas multissemióticas.

Considerações finais

Kawakami, a filha de imigrantes japoneses nascida no Brasil, transpõe-se à memória e à autoficção autobiográfica "A filha da costureira japonesa". Sendo a protagonista de seu relato, conta as experiências vividas entre duas culturas,

e assume o papel de intérprete e tradutora do discurso de seus ancestrais - *diitiam* e *baatiam* - para o leitor brasileiro. Auxilia, dessa forma, a estabelecer pontes e diálogos entre as diferentes culturas. O livro permite ao leitor dialogar com outras culturas e outras experiências de vida, estabelecendo conseqüentemente uma comunicação intercultural.

Kawakami não necessita escolher entre as culturas brasileira ou japonesa. Ao contrário, ao se projetar como Kiyō em sua obra autobiográfica, Kawakami abraça o hibridismo cultural, e se assume como brasileira descendente de japoneses. Não há conflitos e crises que não são superados pela personagem Kiyō, que abraça suas experiências interculturais e as interpreta como ganhos culturais, uma vez que se recusa a escolher uma cultura à outra.

Kawakami, sendo uma brasileira descendente de japoneses transita a entre dois mundos, duas linguagens e vários modos de pensar. Tal experiência é observada na expressividade de sua obra pautada na interculturalidade, na negociação de espaços, na inserção de vocabulário em língua japonesa no falar português, na adoção da culinária brasileira e da culinária japonesa típica de colônia de imigração, e na tradução do discurso de seus ancestrais.

Em um mundo contemporâneo, cada vez mais entrecortado por fluxos migratórios, a obra de Kawakami permite pensar em identidades brasileiras plurais, e na revisitação da questão dos imigrantes e seus descendentes que aspiram e cultivam sentimentos de pertencimento à terra brasileira, somando-se à nação brasileira.

Referências

ABBA, Auwalu Issa (2015). **The Meaning and Theories of Intercultural Communication. Working Paper.** June 2015. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/309155695>. Acesso em 30 jan. 2022.

ALLAMAND, Carole. The autobiographical Pact, Forty - five Years Later. **The european jornal of life writing.** Vol. Vii, p. 51-56, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5463/ejlw.7.258>. Disponível em: <https://ejlw.eu/article/view/31908>. Acesso em 2 junho 2022.

BAKHTIN, Mikhail. **Os Gêneros do discurso.** Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: Ed. 34, 2016. p. 11-22.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional,** LDB. 9394/1996. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf. Acesso em 4 junho 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

COLONNA, Vincent. **Autofiction & Autres mythomanies littéraires.** Auch: Editions Tristam, 2004.

- DIETZ, Gunther. Interculturality. In: CALLAN, H (org.). **The International Encyclopedia of Anthropology**, 2021, p. 1-20. DOI: <https://doi.org/10.1002/9781118924396.wbiea1629>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/9781118924396.wbiea1629>. Acesso em 22 set. 2021.
- KAWAKAMI, Kiyo. **A filha da costureira japonesa**. São Paulo: Ed: Casa do escritor, 2021. *E-book*.
- LEJEUNE, Philippe. **Je est un autre**. Paris: Seuil, 1980.
- LEJEUNE, Philippe. The autobiographical contract. In: TZVETAN, Todorov (org.). **French Literary Theory Today**. London: Cambridge U. P., 1982, p. 192-222.
- LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico. In: **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 13-47.
- LOTMAN, Y. M. **La Semiosfera I: semiótica de la cultura y del texto**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1996.
- LOTMAN, Yuri M. **Universe of the mind: A Semiotic Theory of Culture**. Tradução de Ann Shukm. London: IB. Taris Co. Ltd, 1990.
- MATSUBARA-MORALES, L. De língua de imigração a língua de estudo: caminhos para revitalização da cultura e da língua japonesa no âmbito paulista. **Revista Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 23, n. 4, p. 1370-1390, out./dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.15210/rle.v23i4.18743>. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/18743>. Acesso em 2 junho 2022.
- POTTIER, Bernard. **Linguística General: Teoría y descripción**. Version española de María Victoria Catlina. Madrid: Editorial Gredos, 1974.
- SETO, Claudio. Lendas. **Livro Lendas Trazidas Pelos Imigrantes Do Japão**. São Paulo: Devir, 2019.
- TAYLOR, Nancy E.; BLUM, Irene H.; LOGSDON, David M. "The Development of Written Language Awareness: Environmental Aspects and Program Characteristics." **Reading Research Quarterly** 21, no. 2, p. 132-49, 1986. DOI: <http://doi.org/10.2307/747841>. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/747841?origin=crossref>. Acesso em 4 junho 2022.
- TZVETAN, Todorov (org.). **French Literary Theory Today**. London: Cambridge U. P., 1982.
- VILLARD, Masako. Notion de prototype et événement. Chapitre 6. In: DUBOIS, Danièle. **Sémantique et cognition**. Paris: CNRS éditions, 1993 [1991], p. 131-149.